

# ***Brasilienses Aurifodinae*, de José Basílio da Gama: um desconhecido poema iluminista luso-brasileiro?**

Vania Pinheiro Chaves\*

José Basílio da Gama é lembrado sobretudo como o autor de *O Uruguai*, considerado por diversos críticos o melhor poema épico da Literatura Brasileira do Período Colonial e uma das mais importantes fontes de inspiração do nosso Indianismo romântico. Em breve, os estudiosos irão, certamente, dar atenção a outro poema seu, cuja existência se veio a comprovar, se bem que ele ainda não esteja de todo liberto das sombras que o encobriram por mais de dois séculos. Refiro-me ao *Brasilienses Aurifodinae*, cujo longuíssimo título, indicado na Bibliografia final, me permito abreviar para facilitar a comunicação e de que o único manuscrito atualmente conhecido – na posse do ilustre bibliófilo José Mindlin – está em vias de ser publicado, a par com a sua tradução para o Português.<sup>1</sup>

Não cabem nesta comunicação o relato das peripécias que envolvem a redação, as tentativas de divulgação e de publicação dessa obra basiliana, nem a análise dos motivos subjacentes ao seu “desaparecimento”, até porque muitas das questões enunciadas permanecem sem resposta. Tendo em conta a temática do nosso Congresso, interessa dar a conhecer o *Brasilienses Aurifodinae*, procurando demonstrar os seus vínculos com o Iluminismo, bem como apontar a sua importância na trajetória poética de Basílio da Gama e, conseqüentemente, no caminho que a produção literária dos escritores luso-brasileiros trilhou na direção de um certo tipo de brasilidade, tornada nuclear no ideário do Romantismo brasileiro.

Uma das primeiras criações poéticas do árcade mineiro, o *Brasilienses Aurifodinae* foi, com toda a certeza, escrito na altura da sua estada em Roma, que não se consegue delimitar com exatidão, embora alguns fatos e documentos permitam balizá-la entre os anos de 1760 e 1765. Sabe-se que Basílio da Gama

---

\* Carioca licenciada em Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1969. Desde 1974, leciona Literatura e Cultura Brasileiras, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde fez o seu doutoramento e onde atualmente dirige o Instituto de Cultura Brasileira. Dentre as suas publicações destacam-se *O Uruguai e a Fundação da Literatura Brasileira* e *O Despertar do Gênio Brasileiro*, editados em 1997 e 2000, pela UNICAMP.

estava ligado ao Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro quando, em 1760, chegou ao Brasil o decreto de expulsão dos Inacianos, que, no entanto, permitia aos que se desligassem daquela Ordem permanecer nos domínios portugueses. Mas aí começam as dúvidas: terá ele abandonado a Companhia e estudado, durante algum tempo, no Seminário Episcopal do Rio de Janeiro? terá partido para o Reino, com o fito de ingressar na Universidade de Coimbra? ou terá, de imediato, viajado para Roma, a fim de reencontrar seus antigos mestres, como afirma o Padre Lourenço Kaulen (Kaulen, 1786)? Pairam também dúvidas a respeito dos motivos que o levaram até lá e dos meios de que dispunha para se manter,<sup>2</sup> assim como ainda não foi possível chegar-se a uma explicação satisfatória para o prestígio que grangeou na tão sofisticada sociedade romana um jovem mineiro, com pouco mais de vinte anos, de pequena fidalguia<sup>3</sup> e sem méritos conhecidos.

A verdade é que ingressou na Arcádia Romana, com o pseudônimo pastoril de Termino Sipílio<sup>4</sup> e, provavelmente, deveu-se à sua intervenção junto dos seus pares a licença para a fundação de uma Colônia Ultramarina daquela agremiação, em Minas Gerais, sob a Vice-Custódia de Cláudio Manuel da Costa.<sup>5</sup> Ignora-se, todavia, a data precisa do seu ingresso na Arcádia Romana, ocorrido durante a custódia de Morei (1743-66). É certo também que, entre 1762 e 1764, participou em torneios poéticos realizados em Roma, para os quais escreveu os sonetos “Questa è de Fiumi la superba imago” e “Se in tal dì, che i suoi raggi il Sol d’orrore”, publicados em coletâneas da época. É, finalmente, de considerar que já deveria estar em Portugal a 7 de setembro de 1765, data da comemoração do 15º aniversário do governo de D. José I, pois saúda o acontecimento numa de suas odes.

Assim sendo, é de admitir que o *Brasilienses Aurifodinae* lhe tenha servido de carta de apresentação aos árcades romanos e que estes, tendo apreciado favoravelmente o poema, tenham acolhido o seu autor na mais famosa academia daquele tempo, na Cidade Pontifícia. É igualmente provável que o reconhecimento das qualidades da obra tenha aberto caminho para a sua imediata publicação, visto que o manuscrito que dela nos chegou – como já o havia notado Rubens Borba de Moraes (Moraes, 1969: 153-7) – parece ter sido preparado para entrega a uma tipografia, pois apresenta caligrafia primorosa e sem rasuras, tem as páginas compostas com perfeição e rigorosa simetria, inclui desenhos que serviriam, como era frequente na época, de modelo para o ilustrador e traz na página de rosto duas assinaturas, cuja função poderia ser a de autorizar a sua impressão.

Além do propósito circunstancial de habilitar Basílio da Gama para o ingresso na Arcádia Romana, a gênese do *Brasilienses Aurifodinae* tem, com

certeza, outras explicações e motivações. Cabe, desde logo, apontar que a obra alinha perfeitamente com a produção da Época das Luzes, que tinha como um dos seus principais objetivos a divulgação do saber e o desenvolvimento da ciência, valorizando sobremaneira a observação e a experimentação. Como demonstra Paul Hazard, em *O Pensamento Europeu no Século XVIII*, vivia-se sob o “reinado de Isaac Newton” e acreditava-se num contínuo progresso da humanidade, resultante da propagação do saber e do domínio da razão. Multiplicavam-se, portanto, as obras científicas, a par com os escritos dos *curiosi*, que divulgavam as novidades nas diversas áreas do conhecimento. Ao mesmo tempo, as Academias e salões abriam suas portas a numerosos escritores e estudiosos, cujas comunicações difundiam o saber e anunciavam as novidades.

Na literatura, ganhara terreno a dimensão pragmática, a transmissão de ensinamentos e o intuito de colocar a arte a serviço da sociedade, cobrando-se dos seus cultores uma ação modeladora dos espíritos e orientadora da vida social. Manifestas na Arte Poética de Cândido Lusitano – pseudônimo pastoril de Francisco José Freire – tais idéias serviam de guia aos escritores portugueses e brasileiros do Setecentos, tendo constituído, igualmente, os alicerces que sustentam a concepção do *Brasilienses Aurifodinae*. Dentre elas, destacam-se as seguintes afirmações:

A poesia, considerada em si mesma, procura causar seu deleite, e considerada como Arte, sujeita à faculdade civil, toda se emprega em causar utilidade. E como quer que esta faculdade seja a que encaminha todas as ciências e artes à felicidade eterna, à temporal e ao bom governo dos povos, por isto a verdadeira e perfeita Poesia deveria sempre igualmente deleitar que utilizar a uma república  
(Freire, 1748: 25)

No texto em prosa que precede o *Brasilienses Aurifodinae* – sob o título de *Curioso Lectori* –, Basílio da Gama enfatiza a idéia de o ter escrito com o intuito de divulgar o que sabia sobre a “extração do ouro no Brasil”, “ignorada pela maioria das pessoas” ou “descrita com imprecisões” em textos anteriores, visto que disso tinha conhecimento concreto, por ter sido “durante muitos anos [...] testemunha ocular”. Não sendo um cientista, o nosso poeta, enquadra-se bem na categoria dos *curiosi*, cujo saber assentava na observação direta da natureza e da sociedade.

São, por outro lado, fatores da maior importância na gênese do *Brasilienses Aurifodinae*, a formação jesuítica e a residência na Itália de José Basílio da Gama. A primeira iniciou-se oficialmente em 1757, com o seu ingresso no

colégio inaciano do Rio de Janeiro, um dos raros e prestigiosos centros de cultura da cidade. Serafim Leite, na sua vasta *História da Companhia de Jesus no Brasil*, referiu que a biblioteca dessa instituição se mantinha sempre atualizada e possuía, em 1760, cerca de 6 mil volumes de textos sacros e profanos, antigos e recentes (Leite, v. 6, 1949: 26).

É de todos conhecida a ação cultural dos jesuítas no Brasil, cujas obras e correspondência evidenciam seus saberes, entre os quais se inclui um profundo conhecimento da terra brasileira, do ameríndio e da sociedade colonial. Posto que nos interessa particularmente, cabe lembrar que a padres da Companhia de Jesus se devem dois dos mais antigos e renomados textos a respeito do ouro do Brasil: o *Sermão da Primeira Oitava de Páscoa*, proferido em Belém do Pará, no ano de 1656 pelo Padre Antônio Vieira e a obra de Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, publicada em 1711, mas recolhida em seguida pelas autoridades portuguesas.

O fato de Basílio da Gama ter renunciado aos votos em 1760, quando a Companhia de Jesus foi expulsa do Brasil, não descarta a tese formulada pelo Padre Kaulen, de ele ter continuado a manter contactos com a Ordem, durante a sua estada na Itália, de dever à influência dos inacianos o ingresso na Arcádia Romana e de ter sido auxiliado por alguns deles na criação do *Brasilienses Aurifodinae*. O último aspecto – como muito bem explicou Alexandra Mariano (Mariano, 2005), numa recente tese de doutoramento sobre o poema – não seria de estranhar numa instituição que fomentava a comunicação entre os seus membros, valorizava a memória comum e a emulação dos melhores. Já antes, Rubens Borba de Moraes observara que o assunto do *Brasilienses*, bem como a sua estrutura geral se assemelham ao *De Rusticis Brasiliae Rebus Carminum*, de José Rodrigues de Melo, jesuíta que, tendo exercido o magistério nos colégios brasileiros da Companhia de Jesus, se refugiara na sede do Papado, quando a Ordem foi expulsa dos domínios portugueses. Entende ainda o mesmo estudioso que a obra do nosso poeta se aproxima também de um poema latino sobre a cana-de-açúcar do jesuíta brasileiro Prudêncio do Amaral. Embora nenhum desses possíveis modelos do poema basiliano tenha sido publicado antes da sua escrita, isto não impediria que circulassem, manuscritos, nos meios ligados aos inacianos.

Outros benefícios para o nosso poeta terão advindo da sua residência em Roma, onde não lhe faltariam oportunidades de assistir a palestras e debates nos múltiplos espaços de divulgação da cultura literária e científica do tempo – de que são bons exemplos as sessões do *Collegium Romanorum* e da Arcádia Romana – bem como de frequentar vários museus e bibliotecas, de

forma a consolidar o conhecimento prático sobre as minas de ouro que trazia da terra natal.

A formação jesuítica e, provavelmente, também algum autodidatismo na leitura de autores antigos e modernos que se serviram do Latim facultaram a Basílio da Gama o domínio desse idioma. Mas, à primeira vista, pode parecer estranho que ele o tenha utilizado no *Brasilienses Aurifodinae*, dado que a sua produção poética é, quase toda, em Língua Portuguesa. Exceções são os dois sonetos em Italiano, já aqui referidos e publicados no período da sua residência em Roma, o que visaria certamente uma larga comunicação com o público da terra onde se encontrava. A escolha do autor do *Brasilienses* encontra, contudo, justificação no fato de, no século XVIII, o Latim continuar a ser a língua de comunicação internacional e a preferida para a difusão do saber e da ciência no mundo ocidental,<sup>6</sup> além de manter-se altamente prestigiada(n)te no ambiente de eruditos e homens de ciência com que o poeta mineiro privaria na Itália.

Por outro lado, tal opção reforça a idéia da continuidade dos vínculos de Basílio da Gama com a Companhia de Jesus, pois, como mostrou Yasmin Annabel Haskell (Haskell, 2003), no Setecentos, inúmeros jesuítas escreveram poemas didáticos em Latim, sobre variados assuntos e, em especial, sobre matérias de natureza científica. A mesma estudiosa refere que, nos anos 60 – década em que o *Brasilienses* foi escrito –, a poesia didática científica latina dos inicianos deu muitos frutos.<sup>7</sup> Por sua vez, Alexandra Mariano concluiu que o emprego do Latim poderia ser um meio de valorizar o assunto brasileiro do poema, de atribuir autoridade ao seu criador e de reivindicar uma legitimidade cultural para o Brasil. Ela lembra que, na mesma época, outros dois escritores latino-americanos se serviram do Latim, com intuítos provavelmente semelhantes: Juan José de Eguiara y Eguren, *Bibliotheca mexicana* (1755) e Rafael Landívar, *Rusticatio mexicana* (1781).

Os limites dessa comunicação impedem uma análise minuciosa do *Brasilienses Aurifodinae*, mas deixam margem para afirmar que, tratando-se de uma das primícias do estro basiliano, a obra revela a erudição e a cultura atualizada do novel escritor, em consonância com a poética neoclássica e o espírito ilustrado do tempo. Obedecendo ao preceito aristotélico de imitação dos modelos ainda em vigor, o *Brasilienses* obedece a algumas regras da poesia latina, didática ou épica. Vale-se do hexâmetro datílico e antepõe à exposição das matérias fulcrais do poema um curto preâmbulo, em que comparecem duas formas típicas da epopéia: a invocação e a proposição. Ambas podem ser reconhecidas nos versos transcritos abaixo, que vem acompanhados de uma tradução em prosa para o Português:<sup>8</sup>

Orbis divitias, inter pretiosa metalla  
 Aurum nobilius, quod praebet fossile tellus,  
 Extractumque dabit sumo aurifodina labore,  
 Nunc canere est mihi: vati onus est, sed amabile pondus.  
 Vos, quarum crinitus honos intermicat auro,  
 Pierides, quarum Princeps auratus Apollo est,  
 Captis ferte meis pretiosum in carmina plectrum,  
 Mentem illustrate, auratamque infundite Lucem,  
 Fonte e Castalio guttas adjungite, vati  
 Clara sit a Luce, a Phoebos fluat aurea vena, 10  
 Et terso sub aquis metro purgata redundet.

De entre as riquezas do mundo que são os metais preciosos, o ouro é o mais nobre. É ele que a terra oferece em forma de minério e que a mina de ouro dará depois de extraído com um extremo esforço. Agora é meu dever cantá-lo: um trabalho difícil para o poeta, mas é uma responsabilidade agradável.

E vós, Piérides, cuja beleza dos cabelos rivaliza com o ouro e de quem o dourado Apolo é príncipe, dai-me a preciosa lira pois me criastes para o canto, iluminai-me a mente e propíciai o dourado engenho. Acrescentai-lhe gotas da fonte Castália, para que o poeta seja tocado / 10 pela luz divina e que de Febo emane a inspiração áurea, que limada sob as águas redunde em apurado verso.

A seguir a uma breve narrativa de cariz mitológico, o poema passa, imediatamente, à descrição precisa e circunstanciada dos meios empregues na localização do ouro com base em sinais reveladores da sua existência, dos instrumentos necessários à sua extração e das diferentes maneiras de o minerar e fundir. Fala também dos escravos negros, cuja produtividade na mineração é relacionada com traços da sua constituição física e cujos trabalhos, hábitos e sofrimentos são analisados com algum detalhe. Alguns versos relatam a descoberta do ouro no Brasil, a sua exploração e a sua remessa para Portugal. Deles extraiu-se a passagem abaixo-transcrita, a que se segue a sua tradução para o Português:

Dein ex Lusiadis cum Petrus scepra teneret,  
 Incipit in Parnaguensi indagatio tractu, 1570  
 Quodque prius reperit, primum denominat aurum.  
 Indagatores, quos sors certe aurea duxit,  
 Illa a Paulopoli, quam habitant, nota urbe vocatos  
*Paulistas* dices vulgari voce colonos.  
 Hi dudum ostendunt Generales Aurifodinas,

Inde Goiazenses, Cuiabanasque per oras  
 Digressi inveniunt aurum, indigitantque repertum.  
 His equidem Indigenis omnes debentur opimi,  
 Quos saepe edunt Brasiliensia viscera, partus.

Depois, como D. Pedro ocupasse o trono de Portugal, / 1570 começa a exploração na região de Parnaguá e, os exemplares que descobre em primeiro lugar, julga que são as primícias do ouro. Os exploradores, a quem sem dúvida a sorte dourada guiou, são chamados paulistas, do nome daquela notável cidade de São Paulo que eles habitam, mas, em linguagem vernácula, chamar-lhes-ás colonos.

Estes dão logo a conhecer as Minas Gerais do ouro. Depois, caminhando pelas regiões de Goiás e de Cuiabá descobrem ouro e atestam que foi encontrado. De facto, todos os tesouros de extraordinário valor, que tantas vezes saem das entranhas do Brasil, são devidos aos naturais de S. Paulo.

Acompanham, por sua vez, o poema paratextos que reforçam a sua faceta ilustrada: um resumo em prosa, com chamada para os versos (*Appendix compendiaría*), outro sobre o problema do esgotamento da produção aurífera (*Quaestio curiosa*), um índice alfabético de matérias importantes (*Index rerum notabilium*) e um desenho pormenorizado do processo da mineração, contendo números que introduzem notas explicativas.

O interesse do *Brasilienses* não se esgota, porém, no fato de ser um dos poucos escritos de autor luso-brasileiro em que se manifesta o espírito das Luzes, nem de ser o primeiro poema sobre as minas de ouro do Brasil e um documento histórico da maior importância.<sup>9</sup> Outra relevância advém do seu posicionamento na trajetória de afirmação orgulhosa de brasilidade que caracteriza José Basílio da Gama e é evidenciada não só em *O Uruguai*, mas também nos sonetos italianos aqui mencionados. Disso procurei dar conta na tese de doutoramento que apresentei na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Chaves, 1990). O recente conhecimento do *Brasilienses Aurifodinae* veio dar maior sustentação às conclusões então formuladas.

Cumprido, ainda, observar que, apesar do poema não ter sido publicado na época em que foi escrito, há elementos que permitem afirmar que houve quem dele tivesse conhecimento. Entre os que conheceriam esse escrito está, certamente, o Padre Lourenço Kaulen, pois na sua *Resposta Apologetica* – livro arrasador sobre José Basílio da Gama e o seu *O Uruguai* – refere-se de forma indireta ao *Brasilienses*, quando afirma que, em Roma, os jesuítas ajudaram o

nosso poeta a burilar suas primícias literárias. Pode-se, ainda, pensar que, em especial, dele teriam notícia aqueles que privaram mais de perto com Basílio da Gama e/ou que lhe seguiram os passos, buscando nas “coisas” do Brasil motivos para suas composições. O melhor e mais próximo exemplo talvez seja o *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, que também permaneceu muito tempo inédito.

Assim sendo, não será descabido concluir que o *Brasilienses Aurifodinae* – tal como *O Uruguai* – levou José Basílio da Gama ao caminho que tomaram também alguns de seus pares e os seus sucessores do fim do Período Colonial. Caminho esse que prenuncia o ideário e a prática do Romantismo brasileiro, mas que não rompe os laços que ligavam a Portugal os escritores do Brasil, matéria que infelizmente já não cabe nesta comunicação.

## Bibliografia

- AMARAL, Prudêncio do. Vd. MELO, José Rodrigues de
- ANTONIL, André João, SJ. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 2001
- CANDIDO, Antonio. Os Ultramarinos. *Vários escritos*. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro, Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 153-65
- CHAVES, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a Fundação da Literatura Brasileira: um caso de diálogo textual* (Tese de Doutorado). 2 vol. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1990
- FREIRE, Francisco José, *Arte poetica, ou Regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico*. Lisboa, Officina de Francisco Luiz Ameno, 1748
- GAMA, José Basílio da. *Brasilienses Aurifodinae / Poemate Didascalico / Ab Aurifodinensibus Musis depromptae, / sive / De Auro, Eiusque Extractione in / Brasilia / Poetica Descriptio / A Josepho Basilio Gama / elocubrata / additis, / Et Compendiaria appendice, soluta oratione: / Et curiosa quaestione de Auri genesi*. Ms. pertencente a José Mindlin.
- \_\_\_\_\_. *O Uruguay. Poema de [...]na Arcadia de Roma Termino Sipilio dedicado ao e senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado Secretario de Estado de S. Magestade Fidelissima*. Lisboa, Regia Officina Typografica, 1769
- \_\_\_\_\_. Soneto Questa è di fiumi la superba imago *I pregi delle Belle Arti orazione e componimenti poetici detti in Campidoglio in occasione della festa del concorso ai premi celebrata dall' insigne Accademia del Disegno di S. Luca*. Roma, Stamperia di Marco Pagliarini, 1762, p. 29. NB: Texto publicado também em *Sonetti ed orazioni in lode delle nobili arti del disegno, pittura ed architettura*. Roma, Francesco Bizzarrini Komarek, 1764, p. 65

- \_\_\_\_. Soneto Se in tal dì, che i suoi raggi il sol d'orrore *Prose e versi degli Accademici Infecondi*. t. I. Roma, Generoso Salomoni, 1764, p. 139.
- \_\_\_\_. Ode Os resplendores novos *Collecção de poesias ineditas dos melhores auctores portuguezes*. t. I. Lisboa, Impressão Regia, 1809, p. 5. NB: publicada com o título de Ode ao Rei Dom José I, por José Veríssimo (*Obras Poéticas de José Basílio da Gama*, Rio de Janeiro, Garnier, s/d, p. 175-7)
- GAMA, Nicolau Antônio Nogueira Vale da. *Genealogia das famílias Botelho, Arruda, Sampaio, Horta, Paes Leme, Gama e Villas Boas [...]*. Rio de Janeiro, Typ. Un. de Laemmert, 1860
- HASKELL, Yasmin Annabel. *Loyola's bees: ideology and industry in jesuit latin didactic poetry*, Oxford, Oxford University Press, 2003.
- HAZARD, Paul. *O Pensamento Europeu no Século XVIII (De Montesquieu a Lessing)*. 2 v. Portugal/Brasil, Presença/Martins Fontes, 1974.
- [KAULEN, Padre Lourenço]. *Resposta apologetica ao poema intitulado "O Uruguay" composto por José Basílio da Gama, e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho, Conde de Oeyras e Marques de Pombal*. Lugano, s/ed, 1786. NB: Uma variante deste texto, com o título Refutação das calumnias contra os jesuítas contidas no poema "Uruguay" de José Basílio da Gama, está publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tomo LXVIII, parte I. Rio de Janeiro, 1907, p. 93-224.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, v. 6. Rio de Janeiro, INL, 1949, p. 26
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira. *José Basílio da Gama. Alguns novos subsídios para a sua biografia*. Separata *Brasília*. v. II. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1942
- LUSITANO, Cândido Vd. FREIRE, Francisco José
- MARIANO, Alexandra Maria Lourido de Brito. *BRASILIENSES AURIFODINAE, o ouro e a literatura didáctica no Brasil Setecentista. Texto e tradição literária* (Tese de Doutorado) 2 vol, Faro, Universidade do Algarve, 2005.
- MELO, José Rodrigues de e Prudêncio do Amaral. *De rusticis Brasiliae rebus carminum libri IV* [accedit] *De sacchari opificio carmen*. Roma, Ex Typ. Fratrum Puccinelliorum, [1781]. NB: as mesmas obras foram republicadas juntas, com o título de *Geórgicas brasileiras*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1941.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1969
- VICHI, Anna Maria Giorgetti (a cura di). *Gli Arcadi dal 1690 al 1800. Onomasticon*. Roma, Arcadia-Accademia Letteraria Italiana, 1977
- VIEIRA, Antônio. Sermão da 1ª Oitava da Páscoa. *Sermões* v. 2 Porto, Lello & Irmão, 1959, p. 219-55
- WAQUET, Françoise. *Latin or the empire of a sign: from the sixteenth to the twentieth centuries*, London & New York, Verso, 2002

## Notas

1 A leitura, a fixação do texto e a tradução do poema foram realizadas por Alexandra Maria Lourido de Brito Mariano, no âmbito do projeto de edição crítica das obras completas de José Basílio da Gama a cargo dum grupo de investigadores constituído em Portugal, sob a minha coordenação, e patrocinado pelo Programa Lusitania/JNICT.

2 A credibilidade da referência do Padre Lourenço Kaulen à extrema pobreza da família de Basílio da Gama, que só teria conseguido ingressar no Colégio jesuítico do Rio de Janeiro graças à caridade de alguns benfeitores e a da própria Companhia é posta em xeque pelo fato de seu irmão, Antônio Caetano Vilas-Boas, ter podido, na mesma altura, formar-se em Cânones na Universidade de Coimbra.

3 Alguns estudos e documentos mostram que a família de José Basílio da Gama era de fidalguia antiga e ilustre e que o poeta descendia de Vasco da Gama, cujo sobrenome adotou. Para o efeito, confirmam-se os escritos de Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama e Henrique de Campos Ferreira Lima mencionados na Bibliografia final.

4 Num volume manuscrito da custódia de Morei, pertencente à biblioteca da Arcádia Romana, encontra-se uma listagem dos seus sócios com o seguinte registo: *Termino Sípilio... Abate Giuseppe Basilio de Gama*. Também no catálogo organizado por Anna Maria Giorgetti Vicchi, com base em documentos da época, se pode ler: *Termino Sípilio, Giuseppe Basilio de Gama, americano. — Morei, 1743-66*.

5 Muitas vezes posta em dúvida, a existência dessa agremiação é comprovada pelo diploma de sócio da Arcádia Romana de Driásio Erimanteu, pseudónimo pastoril de Joaquim Inácio de Seixas Brandão, onde vem a indicação de que este lhe é concedido “Per la Fondazione della Colonia Oltremarina” (Candido, 2004). O diploma referido pertence atualmente ao insigne bibliófilo e erudito José Mindlin.

6 A partir de meados do Setecentos ocorre um descréscimo na produção de obras em Latim, que não é todavia idêntico nos diversos países: mais rápido na França, é lento na Itália e em alguns países continuou a ser a única língua utilizada para a transmissão do saber. Apesar do declínio manteve-se em uso em especial nas obras de caráter científico, teológico e em manuais escolares. Para a sua permanência contribuíram sobretudo o ensino e as grandes obras escritas nessa língua. Como refere Françoise Waquet (Waquet, 2002, esp. p. 81-99), dentre as obras publicadas em Oxford, de 1690 a 1710, pelo menos 50% eram em Latim e de todas as publicações mencionadas na *Bibliothèque Raisonnée des Ouvrages des Savants de l'Europe*, entre 1728-1740, 31% eram em Latim.

7 Vd. as obras de Boscovich, Bernardo Zamagna, Gregori Landi Vittori e Guiseppe Maria Mazzolari.

8 A fixação do texto e a sua tradução se devem a Alexandra Mariano, como foi referido na nota 1.

9 Outros testemunhos se encontram em cartas, consultas e avisos dispersos, bem como no relato de Ambroise Jauffret ao conde de Pontchartrain, datado de 1704 e na obra famosa de Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, de 1711, Está, contudo, ainda por fazer-se a história da extração do ouro em terras brasileiras, sustentada pelo inventário e análise dos documentos guardados em arquivos portugueses e brasileiros.

## Resumo

O objetivo deste artigo é situar o *Brasilienses Aurifodinae*, poema inédito de José Basílio da Gama, no conjunto da obra desse árcade mineiro e no quadro da produção setecentista. Para isto, apresentam-se alguns elementos que permitem compreender a gênese do poema basiliano e demonstrar o seu valor histórico e cultural, tais como: a formação jesuítica do escritor; o contacto mais próximo com o pensamento iluminista que lhe terá possibilitado a sua estada na Itália; o seu conhecimento direto da sociedade aurífera da Capitania de Minas Gerais; o seu domínio das técnicas da poesia didática em Latim.

**Palavras-chave:** Iluminismo; Poesia luso-brasileira; Ouro

### ***Abstract***

This paper intends to position the unpublished poem *Brasilienses Aurifodinae*” by José Basílio da Gama in the global context of the work of this Arcadian poet, issued from colonial Minas Gerais brazilian province; it also attempts to place the text within the literary production of the Seven Hundreds. In order to do this, new elements are presented that improve the knowledge of where and how Basílio’s poem was written and enhance our understanding of its historical and cultural worthiness, namely the Jesuitical education of the writer, the close contact with Iluministic ideas he enjoyed during exile in Italy, his direct experience of the Minas Gerais gold mining society, and the mastery of Latin didactic poetry literary technique he demonstrated.

**Keywords:** Iluminism; Luso-brazilian Poetry; Gold